

Os planos anti- crise das famílias afectadas pelo desemprego

Procuram 'biscates', recorrem à ajuda da família e investem em formação. Mas há uma medida inevitável: gastar menos.

MARGARIDA PEIXOTO mpeixoto@economicasgqs.com

Quando o desemprego bate à porta, as famílias não ficam paradas. Tal como nas empresas, há um plano anti- crise a pôr em prática para evitar que os créditos se transformem num pesadelo. Uma das estratégias é aplicar conhecimentos técnicos em pequenos 'biscates'. Mas ainda assim, a redução do consumo é inevitável.

Fazer trabalhos de jardinagem, dar uma ajuda numa oficina de mecânica ou trabalhar a dias são algumas das soluções encontradas por desempregados para compensar a diminuição dos rendimentos. A questão coloca-se sobretudo para quem não tem direito a qualquer subsídio do Estado - uma realidade que atinge dois terços dos desempregados, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística para o terceiro trimestre de 2008.

"As ocupações mais comuns entre os desempregados eram as limpezas, no caso das mulheres, e os pequenos serviços técnicos, entre os homens", diz Catarina Frade. A investigadora do Centro de Estudos Sociais, responsável pelo estudo "Desemprego e Sobreendividamento dos Consumidores (2006)", sublinha que a disponibilidade dos desempregados para encontrar alternativas tem sobretudo a ver com "o meio cultural em que estão inseridos".

A investigação permitiu concluir que os desempregados provenientes do meio fabril, de zonas semi- rurais ou mesmo rurais, demonstram uma particular capacidade para encontrar 'biscates', quando comparados com um grupo de desempregados mais heterogéneo e urbano. "No meio não urbano tinham menos problemas em aceitar profissões alternativas", comenta Catarina Frade. "Além disso, mantinham uma relação com o meio onde viviam; partilhavam redes sociais, frequentavam cafés e isso tornava mais fácil encontrar alternativas", acrescenta a especialista.

"Existe uma clivagem entre os meios urbanos e os rurais", reco-

MELHORAR AS QUALIFICAÇÕES

Estar desempregado não implica necessariamente dar o tempo como perdido. Fernando Martins, por exemplo, aproveitou para se qualificar. Nos últimos anos, este bracarense de 53 anos já perdeu dois empregos: depois de ter encerrado um pequeno estabelecimento comercial - "era inviável", explica - conseguiu um contrato de um ano numa escola. Como não trabalhou os quinze meses requeridos, não teve direito a subsídio de desemprego. Restou-lhe o subsídio social, pouco mais do que 400 euros, que se 'esgota' dentro de seis meses. "Como os meus anteriores rendimentos não eram elevados, não senti muito a diferença", explica. Mas aproveitou para investir em si próprio: "Fiz 300 horas de instrução informática, entrei em todos os programas de requalificação e hoje estou colocado como porteiro de uma escola até o fim do subsídio social". A falta de perspectivas, admite, pode levá-lo a emigrar.

nhece o sociólogo Pedro Adão e Silva. "Durante muitos anos, o sector da indústria suportou baixos salários porque os trabalhadores acumulavam o emprego com economia paralela e alguma agricultura de subsistência", explica o investigador. E acrescenta: "É natural que com o aumento do desemprego se regressasse a um padrão que tínhamos nos anos 80 - os biscates e a agricultura de subsistência".

Segundo o INE, cerca de 1% dos empregados trabalha para familiares, não declarando qualquer remuneração. O subemprego visível, ou seja, quem declara que gostaria de trabalhar mais horas do que as que consegue, representa 1,2% do total de empregados - 63.500 pessoas. Este indicador inclui tanto situações de part- time indesejado, como os tais trabalhos informais. No entanto, exactamente pela sua informalidade, os biscates escapavam-se por vezes das estatísticas.

A ESTRATÉGIA INEVITÁVEL: GASTAR MENOS

Mas porque não é fácil encontrar ocupações alternativas, a primeira medida das famílias afectadas pelo desemprego é a redução do consumo. E o corte não se aplica apenas ao que é supérfluo. Ficam excluídos os programas culturais, os jantares fora ou as viagens. Mas não só: também se opta por cancelar alguns serviços - como a internet, um pacote mais completo de televisão ou o seguro de saúde. As compras são criteriosas e o factor preço passa a ser mais determinante, o que tem consequências para a economia: a retracção do consumo, a principal componente do produto interno bruto português, é uma das explicações para a recessão.

"Ainda falta a casa de jantar, cortinados para o quarto do meu filho. Ainda faltam umas coisas, mas agora há que esperar" - são as palavras de um dos desempregados entrevistados pela equipa de Catarina Frade. ■ **COM P.R.**

PLANOS ANTI-CRISE DAS FAMÍLIAS

RECURSO AOS 'BISCATES'
É uma das soluções frequentes em meios rurais ou semi-rurais, sendo muitas vezes acumulada com o subsídio de desemprego. É mais fácil de conseguir quando o desempregado está inserido na rede social - frequenta o pequeno comércio e serviços - do meio onde vive ou trabalha.

MAIS HORAS SUPLEMENTARES
É uma estratégia para compensar a perda de rendimentos por parte de um dos membros do casal. Quem mantém o emprego, faz os possíveis por acumular horas suplementares, beneficiando do aumento de rendimento.

REDEFINIR PRIORIDADES
Assim que há uma situação de desemprego em casa, muitas famílias optam por redefinir as suas prioridades de consumo, adiando alguns projectos e limitando os gastos.

ACCIONAR A REDE FAMILIAR
Almoços ou jantares em casa de familiares é uma solução frequente e que surge quase de forma espontânea. Em muitos casos a família também se oferece para pagar mensalidades escolares.

NOVOS PADRÕES DE CONSUMO
Quando há uma diminuição dos rendimentos, o factor preço pesa mais nas decisões de compra. As famílias substituem os produtos mais sofisticados e caros, por bens mais baratos ou em saldo. Os supermercados 'discount' também se tornam mais atractivos.

REDUÇÃO DE STOCKS
Quando a disponibilidade financeira diminui, as compras passam a ser feitas à medida das necessidades: a gestão da despensa deixa de ser feita ao mês, evitando-se os gastos que não sejam inadiáveis.

CANCELAMENTO DE SERVIÇOS
Internet, telefone e seguros de saúde são alguns exemplos de serviços que muitas famílias dispensam quando ocorre uma diminuição significativa dos rendimentos.

Alessia Pierdomenico/Reuters



Quando são atingidas pelo desemprego, as



famílias vêem-se obrigadas a alterar os seus hábitos de vida.

OS DESPEDIMENTOS QUE MARCARAM A SEMANA

1.
TECNOLÓGICAS DESPEDEM MILHARES DE PESSOAS
O gigante Microsoft prepara-se para dispensar cinco mil funcionários em todo o mundo devido à crise económica. Portugal fica de fora da vaga de despedimentos que vai atingir 5% do total dos trabalhadores da empresa. Também a Intel já disse que vai dispensar milhares de trabalhadores este ano, para fazer face à redução das vendas.

2.
SECTOR AUTOMÓVEL PERDE 3.700 EMPREGOS
Dados da Associação de Fabricantes para a Indústria Automóvel dão conta da perda de 16,2% dos trabalhadores do sector entre Julho e Dezembro de 2008. A Delphi de Ponte de Sôr confirmou o despedimento colectivo de 369 pessoas até ao final do primeiro semestre e, na Faurecia estão em risco mais de 250 trabalhadores. A Tyco Electronics avançou com o "lay-off" de 346 pessoas. A Peugeot-Citroen de Manualde iniciou ontem mais um período de suspensão da laboração, findo o qual perto de 500 trabalhadores poderão não regressar à fábrica.

3.
HOTELARIA DE LUXO DISPENSA 120 PESSOAS
Cinco hotéis de luxo em Lisboa iniciaram processos de rescisões de contratos por mútuo acordo com vários trabalhadores. Segundo dados do sindicato do sector, Ritz, Tivoli, Sheraton, Marriott e Lapa querem despedir, no total, cerca de 120 pessoas.

4.
ECCO DEIXA DE PRODUZIR CALÇADO EM PORTUGAL
A Ecco Portugal avançou ontem com um despedimento colectivo de 177 trabalhadores. "Devido à crise financeira internacional, a Ecco tem assistido a um decréscimo na procura de produtos tecnologicamente avançados", disse ao Semanário Económico Jesper Sorensen, director-geral da Ecco Portugal. Após esta "reestruturação, a empresa deixará de ter a parte de produção" no país, "mantendo e reforçando o centro de investigação e desenvolvimento", disse. A Ecco Portugal emprega actualmente 301 funcionários e passará a contar com 121, "não estando previsto o encerramento da empresa" em Portugal, garantiu Jesper Sorensen. A fábrica portuguesa da Ecco produz 500 mil pares de sapatos/ano e está especializada no fabrico de edições limitadas e artigos premium que são vendidos para todo o mundo. Devido à quebra na procura de produtos tecnologicamente avançados, a produção não será deslocalizada para nenhuma das fábricas que o grupo Ecco tem na Eslováquia, Tailândia, Indonésia e China, adiantou ainda Jesper Sorensen. A rede de lojas da Ecco em Portugal não será afectada por esta reestruturação.